



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 17

Afinal de contas, quem é este?ⁱ

Texto-base: Mt 11

Muitas das piores reações humanas originam-se em parte de expectativas desapontadas. Esperamos ser bem tratados e quando não somos reagimos com indignação e amargura. Esperamos um casamento que sirva como a resposta a certos sonhos, e quando isso não ocorre buscamos o divórcio. Colocamos nossas esperanças num herói - político ou outro - e quando ele ou ela se mostra corrupto, ou simplesmente incapaz de superar obstáculos enormes, retaliamos com desdém e rejeição.

Mesmo na religião, as pessoas podem se aproximar de Cristo ou da igreja com grandes expectativas que estão fundamentalmente erradas. Quando suas expectativas não são realizadas, essas pessoas frequentemente correm atrás de alguma outra visão efêmera em vez de perguntar onde se encontra a verdade, ou se a culpa pode estar em suas próprias expectativas.

Grande parte da animosidade incitada pelo ministério de Jesus surgiu do fato que as concepções populares de como seria o Messias, e o que o Messias faria, estavam muito longe daquilo que Jesus era de verdade. Por essa razão, os fariseus começaram a espalhar rumores que Jesus estava envolvido com a magia negra (veja Mt 9.34). Agora as questões, dúvidas e oposições começaram a aumentar, fazendo com que a questão central se tornasse cada vez mais urgente: quem, afinal de contas, é este Jesus?

Vamos apontar algumas respostas nesta lição e outras na próxima.

Jesus, o sucessor de João Batista

Mesmo João Batista, o precursor de Jesus, teve dúvidas (11.2,3). Como seu grande mentor antes dele, o profeta Elias, João havia esperado uma coisa e descobriu algo diferente. Elias esperava um avivamento após sua confrontação dramática e bem sucedida no monte Carmelo (veja 1 Reis 17-18). Contudo, quando em vez de um avivamento ele enfrentou a ira e as ameaças de morte da rainha perversa, ele ficou a

tal ponto frustrado, desapontado, e com autopiedade que queria deitar-se e morrer (1 Reis 19).

João Batista pregava que aquele que viria após ele não apenas batizaria o seu povo com o Espírito Santo, como também serviria como Juiz severo para purificar a nação com julgamento ardente (Mateus 3.11,12). Mas o que foi que ele encontrou? Por um lado esse Jesus que ele havia identificado como o Messias estava na verdade andando e fazendo o bem, aparentemente ungido poderosamente com o Espírito Santo e realizando as obras prometidas para a era messiânica (veja Isaías 26:19; 28:18,19; 35:5,6; 61:1). Por outro lado, entretanto, esse Jesus não parecia estar exercendo qualquer julgamento ardente.

Não havia problema em que Ele curasse os doentes, levantasse os mortos, expulsasse os demônios, acalmasse as tempestades, pregasse a justiça e anunciasse o Reino; mas onde estava o julgamento? As corrupções e as crueldades de César teriam sido eliminadas de forma abrupta? Os líderes hipócritas do templo teriam sido banidos? As corrupções fastidiosas de Herodes, o tetrarca, teriam sido confrontadas? Por que estaria ele, João Batista, abatido no calor sufocante da prisão na fortaleza de Maqueronte (Macaeros) por desafiar as atitudes morais de Herodes, enquanto Jesus, o suposto Messias, não fazia nada a respeito dessa injustiça? Acaso não promete o Velho Testamento bênção na era messiânica, como também justiça? Mesmo as passagens que acabaram de ser citadas de Isaías surgem de contextos que reúnem os dois temas de bênção e julgamento. As dúvidas se multiplicaram, até o momento em que João Batista perguntou, “És tu aquele que havia de vir, ou devemos de esperar outro?”.

À primeira vista, a pergunta parece tão fora de propósito pelo que conhecemos de João Batista que muitos dos pais da igreja e dos reformadores sugeriram que João não fez essa pergunta por causa de si mesmo, mas de seus seguidores. Entretanto, nem um fiapo de evidência exegética sustenta essa percepção.

A resposta de Jesus teve então duas partes. A primeira foi endereçada diretamente aos discípulos de João (Mateus 11:4-6). Aqui Jesus mencionou brevemente algumas das evidências abundantes - mas Ele fraseou essa resposta na linguagem das Escrituras messiânicas, especialmente Isaías 35:5,6; 61:1,2. Ironicamente, ambas as passagens prometem bênção e julgamento: “Eis o vosso Deus! Com vingança virá, sim com a recompensa de Deus; ele virá e vos salvará” (Isaías 35:4); “O dia da vingança do nosso Deus” (Isaías 61:2). Todavia Jesus se referiu apenas àquelas partes dos textos que prometem bênçãos, e depois concluiu, “Bem-aventurado é aquele que não se escandalizar de mim” (Mateus 11:6). O que ele quis dizer?

Aquela bênção final estabelece o ponto. Jesus presumiu que João Batista estava certo - o próprio Jesus é verdadeiramente o Messias. Entretanto, João parecia

correr o perigo de cair. Jesus prometeu bênção para aqueles que não caem - para aqueles que começam bem e continuam perseverando, apesar das expectativas desapontadoras. Enquanto isso, ao referir-se à evidência positiva da sua compaixão, pregação, e milagres como o cumprimento das promessas do Velho Testamento, Jesus estava dizendo que pelo menos aquela porção das evidências se fazia presente, e confirmava que ele era o Messias. Implicitamente, essa resposta sugeriu que o restante da evidência predita demoraria um pouco mais para ser cumprido.

Em síntese, Jesus respondeu que as bênçãos prometidas para o fim dos tempos irromperam e provaram estar aqui, embora os julgamentos tenham sido adiados. Há um desafio implícito para que o indivíduo reexamine suas pressuposições sobre como o Messias deve ser e o que deve fazer à luz de Jesus e do fato de ele cumprir a Escritura, e de alinhar a compreensão e a fé do indivíduo com ele, Jesus.

A segunda parte da resposta de Jesus foi endereçada não aos mensageiros de João Batista, mas às multidões. Aparentemente algumas pessoas que haviam antes reverenciado João Batista não mais sabiam o que pensar dele. Ele havia parecido ser um reformador tão forte e influente - e agora ele estava abatido e desamparado numa prisão. Será que alguns pensaram que ele não era forte o suficiente para escapar dos guardas de Herodes e das paredes de pedra, para realizar algum milagre para esmagar a tirania (11:7)? Será que talvez eles esperavam um poderoso porta-voz de Deus capaz de demonstrar um pouco de pompa e esplendor? (11:8). Ou as pessoas mais conscientes na multidão teriam visto corretamente que João era um profeta, mesmo falhando em perceber sua importância mais profunda? (11:9).

Pois bem, foi dessa forma que Jesus defendeu João Batista. Parece que Jesus falou dessa maneira para acabar com a suspeita entre as pessoas de que a pergunta de João pudesse representar sinais de instabilidade (v. 7) ou de fraqueza indisciplinada (v. 8). Nada disso, responde Jesus: o homem que o povo fora ver não era instável nem descrente. Sua pergunta não nasceu de fraqueza ou de falhas pessoais, mas de uma compreensão errônea sobre a natureza do Messias, garantindo a João seu lugar na história da salvação. Por isso, Jesus não se dirige à multidão para se defender depois da pergunta de Batista, mas para defender João Batista.

Sim, Jesus argumentou, João era um profeta, um verdadeiro porta-voz de Deus; todavia ele era mais do que isso. Ele era também o assunto da profecia; pois o último profeta canônico do velho pacto havia prometido enviar um mensageiro preparatório - e esse mensageiro, Jesus afirmou, era João Batista (11:9,10, citando Malaquias 3:1).

Como que isso fazia de João alguém mais do que um profeta? A resposta reside no papel desse mensageiro preparatório. Um vez que esse mensageiro preparatório tivesse vindo, então “de repente virá ao seu templo o Senhor” (Malaquias

3:1). Como disse Malaquias disse em outro lugar: “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor” (4:5). Ora, uma vez que Jesus estava declarando que João Batista cumpriu as profecias, e uma vez que João anunciou a chegada de Jesus, então Jesus também deve estar dizendo que sua própria chegada no cenário era o cumprimento da profecia de que “o Senhor, a quem vós buscais” estava finalmente aqui, que “o grande e terrível dia do Senhor” havia chegado.

Foi isso que fez João Batista tão importante: ele tinha a tarefa privilegiada de apontar para o Messias, de preparar o caminho antes dele. Num certo sentido, é claro, Moisés, Isaías, Jeremias, e outros profetas também apontaram para a vinda de Cristo; mas somente João Batista apontou pessoalmente para Ele. E é isso que fez de João, na estimativa de Jesus, o maior ser humano que já havia nascido até aquele momento (Mateus 11:11).

A afirmação foi estonteante. João Batista, segundo Jesus, era maior que Júlio César, maior que Alexandre o Grande, maior que Homero ou Sócrates, maior que Moisés ou Daniel - precisamente porque ele apontou para a identidade do Messias de uma maneira que ninguém jamais havia feito antes. João Batista nunca realizou qualquer milagre (veja João 10:41); contudo ele foi uma verdadeira testemunha num ponto crucial na história da redenção. Mais surpreendente ainda, foi Jesus quem fez tal avaliação. Isso quer dizer que embora em certo sentido Jesus estivesse justificando a grandeza de João diante das multidões, num sentido mais profundo Ele estava afirmando sua própria identidade como o Messias prometido, uma vez que João Batista anunciou sua vinda e apontou para Ele.

Entretanto, existe mais uma conclusão a ser tirada dessa avaliação de João Batista, e Jesus a fez de forma explícita: “Aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele” (Mateus 11:11). A medida dessa grandeza deve ser a mesma daquela usada para medir João. O ponto é claro: João foi o último numa longa linha, a culminação dos “profetas e a lei” que juntos “profetizaram” a vinda de Jesus e do Reino (11:13). Só que agora, com a real vinda de Jesus, até mesmo o menor crente na chegada do Reino é capaz de apontar para Jesus e testemunhar sobre sua obra mais claramente do que podia João Batista.

Muitas vezes os crentes querem estabelecer sua “grandeza” com referência à sua obra, sua oferta, sua inteligência, sua pregação, seus dons, sua coragem, seu discernimento. Contudo, Jesus afirmou sem hesitação que até mesmo o menor crente é maior que Moisés ou João Batista, simplesmente devido à sua habilidade, vivendo após a vinda de Jesus, o Messias, de apontar para Ele com maior clareza e compreensão do que todos os Seus precursores puderam. Se nós realmente cremos nessa verdade, isso dissipará toda a desprezível ambição por posição e nos forçará a reconhecer que nossa verdadeira importância baseia-se no nosso testemunho a respeito do Senhor Jesus Cristo.

Jesus, o revelador do Pai

Existe uma outra maneira de olharmos para João Batista e para Jesus. Pode-se, é claro, comparar as funções relativas de ambos nos propósitos da redenção efetuada por Deus, como Jesus fez. Nesse caso, Jesus era o objeto de testemunho, e João foi aquele que testemunhou dele.

De forma alternativa, podem-se contrastar seus estilos de vida pessoais: João Batista era abstinente, quase recluso, frugal; Jesus não via problemas em ir a festas e estava certamente disposto a beber vinho (11:18,19). Neste caso, o contraste revela menos sobre os dois homens do que sobre a maneira como a maioria das pessoas reagia a eles. Eles rejeitaram João como um fanático, endemoninhado; e eles rejeitaram Jesus como um comilão e um beberrão. Tais pessoas são como crianças choronas, que nunca se satisfazem com nada. No entanto, a sabedoria - viver corretamente perante Deus, tanto no caso de Jesus como no de João - prova ser correta mediante suas ações (veja 11:19). Seus estilos de vida respectivos foram ambos reconhecidos como o caminho da sabedoria.

Se homens e mulheres não demonstrarem arrependimento, fé e obediência à revelação que Deus oferece graciosamente, então mais cedo ou mais tarde deverá haver censura. Jesus denunciou nos termos mais fortes as cidades onde a maioria dos seus milagres foi feita - Corazim, Betsaida, Cafarnaum, cidades da Galileia altamente favorecidas por serem os lugares onde Jesus exerceu Seu ministério. Mas na verdade, elas não se arrependeram, embora uma revelação similar teria posto Tiro e Sidom - cidades pagãs do norte - de joelhos, e efetuado uma mudança na conduta de Sodoma, cidade conhecida por sua maldade (Gênesis, capítulo 19).

Três verdades importantes jazem por trás desta forte denúncia.

Primeiro, é pressuposto que Deus não deve salvação a ninguém. Doutra forma, Deus poderia ser acusado de injustiça por reter de Tiro, Sidom e Sodoma aquela revelação adicional que Ele sabia que as levaria ao arrependimento e à fé. Mas Deus não olha para o mundo como um conjunto de seres humanos moralmente neutros a quem Ele se comprometeu dar certas coisas ou a quem deve receber todo o incentivo para salvação. Longe disso. Ele vê o mundo como um conjunto de rebeldes, de pecadores, de homens e mulheres a quem Ele não deve nada (veja Romanos 1:18-3:21). Se Ele condenasse todos, Sua justiça não seria maculada. Contudo, com misericórdia Ele salva muitos desses rebeldes - embora Ele não deva misericórdia a ninguém!

Segundo, Deus tem o que os filósofos denominam de "conhecimento contingente". Isso quer dizer que Ele não apenas sabe o que qualquer pessoa ou grupo fez, está fazendo ou fará, mas que também Ele sabe o que eles teriam feito sob circunstâncias diferentes; Ele leva este conhecimento em consideração no julgamento

final. Sodoma está numa condição melhor para o julgamento do que Cafarnaum, não porque Sodoma realmente obedeceu a Deus mais e melhor que Cafarnaum, mas porque Deus sabe que se Sodoma tivesse desfrutado de todas as vantagens de Cafarnaum, Sodoma teria se arrependido e teria em muito superado Cafarnaum em excelência moral e discernimento. Colocando isso numa outra forma, no julgamento final Deus levará em consideração não somente o posicionamento moral de todo o Brasil, sua resposta a Jesus Cristo e o seu aproveitamento das oportunidades, comparado, digamos, com a resposta e o aproveitamento feitos pelos norte-coreanos - mas também o que ambas as partes teriam feito se seus papéis e vantagens tivessem sido invertidos.

Terceiro, para Jesus dizer que será “mais suportável” para este grupo do que aquele no dia do julgamento, pressupõe que existem graus de felicidade no paraíso e níveis de tormento no inferno (veja 12:41; 23:13; Lucas 12:47,48), um ponto que Paulo certamente compreendeu (veja Romanos 1:20-2:16).

Talvez não existam três outras verdades mais apropriadas para nos tornar sóbrios e nos pôr de joelhos em arrependimento do que essas.

Se a revelação de Deus em Cristo Jesus foi rejeitada de forma tão plena, significaria isso que os propósitos de Deus de salvar alguns foram frustrados? Longe disso. Não esqueça que Jesus louvou Seu Pai por esconder essas coisas dos sábios e entendidos, e por revelá-las aos pequeninos (Mateus 11:25,26). Na verdade, a obra reveladora do Pai está tão fortemente ligada com a obra reveladora do Filho, que Jesus também disse: “Ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (11:27).

Há três outras coisas para aprendermos dessas afirmações.

Primeiro, apesar de João Batista ter temporariamente duvidado de Ele, e uma grande parte da população não ter se arrependido, Jesus Se viu como o revelador supremo do Pai. Não é de se surpreender que “ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai”, mas é espantoso que “ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho” - e aqueles a quem o Filho O revelar (11:27).

Uma reivindicação como essa não permite que se fique em cima do muro: ou Jesus era o único revelador de Deus, ou então Ele era louco. Se Ele foi o revelador, então devemos reverenciá-lo, reconhecer Seu senhorio, receber Sua palavra de revelação, nos deleitarmos na Sua verdade e no conhecimento de Deus que somente Ele pode oferecer. Se Ele foi um louco, devemos repudiá-lo de uma vez, e não nos entretermos mais com tolices piedosas sobre Jesus ser um homem bom ou um revelador entre muitos.

Segundo, essas declarações mostram que existe tanto uma revelação objetiva como uma revelação subjetiva. A revelação objetiva estava lá, na pessoa e no ministério de Jesus; porém isso não significava que todo mundo percebeu que ela estava lá. Para ter tal percepção uma pessoa devia também receber a revelação subjetiva - isto é, uma obra divina na mente e no coração dele ou dela que capacita ele ou ela a reconhecer quem era Jesus, e assim vir a conhecer o Pai.

Terceiro, aqueles que desfrutaram dessa relação subjetiva, aqueles a quem o Filho escolhe revelar o Pai, são invariavelmente os “pequeninos” - isto é, não os sábios e entendidos, os autossuficientes e “autoimportantes”, mas os mansos, aqueles que reconhecem sua pobreza espiritual (veja 5:3) e têm fome de serem ensinados por Deus.

Muitos judeus religiosos sentiam que quando o Messias viesse, Ele não somente poria um fim no governo de Roma e estabeleceria a preeminência de Israel no colégio das nações, mas elevaria os líderes de Israel, seus sacerdotes, teólogos, e patriotas, a posições de prestígio e poder. Tal perspectiva não era provável que enfocasse a ênfase na retidão, na justiça, na misericórdia, e no perdão do pecado que estava em ligação estreita com as promessas do Velho Testamento sobre o reinado do Messias.

As expectativas dos líderes judaicos provocaram sua desilusão a respeito de Jesus; pois aqui estava Ele, favorecendo os fracos, os desprezados, os cansados, e os sobrecarregados (11:28), e não estava fazendo nada para subjugar os gentios e ensiná-los o seu verdadeiro lugar. Contudo, o erro dos líderes, como perceberemos cada vez mais, não estava simplesmente numa falta de compreensão intelectual. Da perspectiva de Jesus, o erro envolvia um fracasso moral de reconhecer sua maior necessidade, de valorizar a retidão e a justiça, de anelar pelo perdão e pela plenitude que só Jesus podia oferecer.

Portanto, o convite generoso de Jesus (11:28-30) é para os quebrantados e os oprimidos. Este convite se baseava na Sua própria bondade e humildade. Ele não era simplesmente um senhor poderoso que esmagava sem dó toda a oposição, mas alguém que buscou o bem dos outros e prometeu descanso para suas almas (11:29). O jugo que Ele prometeu não era o jugo da lei, e sim, o discipulado a Ele: “Aprendam de mim”, Ele disse, o que não significa “imitem-Me” ou “treinem a partir da Minha experiência” tanto quanto “aprendam da revelação que somente Eu concedo”. E este discipulado, este jugo, é “fácil” (bom, confortável - não sem ser desafiador) e seu fardo leve.

ⁱ Esta lição é baseada nos livros: **O comentário de Mateus**, de D. A. Carson (Shedd Publicações); e **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES).